ISBN: 9786588884447

A EDUCAÇÃO BANCÁRIA E EDUCAÇÃO LIBERTADORA NA OBRA "PEDAGOGIA DO OPRIMIDO" DE PAULO FREIRE

LUIZA ROBERTA ZIMMER DA SILVEIRA; MAICON RODRIGO ROSSETTO

RESUMO

A presente pesquisa realiza uma análise do pensamento de Paulo Freire, concentrando-se na sua obra "Pedagogia do Oprimido". Destacam-se os conceitos de educação bancária e educação libertadora como fundamentais para a transição dos sujeitos para a autonomia e a valorização da liberdade. A contextualização inicial apresenta a proposta de Freire de uma pedagogia voltada para a transformação das relações entre oprimidos e opressores, através do diálogo e da conscientização. Os objetivos do estudo incluem compreender e analisar as implicações da persistência da educação bancária na formação dos sujeitos e na busca pela emancipação humana. O método adotado foi a pesquisa bibliográfica, utilizando obras de Paulo Freire e outros autores relevantes. Os resultados revelam que, apesar dos esforços de Freire e de outros educadores, o ideal de uma educação problematizadora ainda não foi plenamente implementado nas escolas, mantendo-se a hierarquia do poder e a divisão entre dominantes e dominados. A conclusão destaca a importância da colaboração, organização e união das classes populares para transformar essa realidade de opressão, enfatizando o papel do diálogo constante e do bom senso, tendo em vista que se torna visível que o atual sistema educacional perpetua a divisão entre dominantes e dominados, mantendo-se a hierarquia do poder, dessa forma, busca-se uma educação que seja transformadora e libertária para que esse indivíduo compreenda seu papel como sujeito livre e autônomo. Portanto, o estudo destaca a relevância contínua das ideias de Freire no contexto educacional e social, ressaltando a necessidade de buscar práticas pedagógicas mais humanizadoras e inclusivas.

Palavras-chave: Autonomia; Conscientização; Diálogo; Educação Brasileira; Transformação.

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa aborda-se alguns pressupostos que norteiam o entendimento dos conceitos que serviram de base para a conformação da obra "Pedagogia do Oprimido". Baseada na contraposição esses conceitos formaram o pensamento pedagógico do autor, buscou-se examinar as implicações da persistência da educação bancária, uma prática dominadora e opressora até os dias atuais, bem como sua antítese, a educação libertadora, concebida por Freire como um processo libertador comparável a um parto que dá à luz um indivíduo renovado e em constante processo de emancipação (FREIRE, 1977, p. 36).

A problemática da permanência da educação bancária levanta questionamentos acerca de seus impactos na formação dos sujeitos e na reprodução das desigualdades sociais. Este estudo visa aprofundar a compreensão sobre esses aspectos importantes, levando a entender as implicações da educação bancária na formação dos sujeitos e na busca pela emancipação humana.

Justifica-se a relevância desta pesquisa pela urgência em repensar os modelos educacionais vigentes e buscar alternativas que promovam uma educação mais humanizadora e inclusiva. Ao explorar as ideias de Freire, procura-se contribuir para o debate sobre práticas

DOI: 10.51189/ensipex2024/37307

ISBN: 9786588884447

pedagógicas transformadoras, capazes de desafiar estruturas opressivas e promover uma sociedade mais justa e igualitária.

Por meio dessa análise, espera-se fornecer incentivos para educadores, pesquisadores e gestores educacionais interessados em promover mudanças significativas no campo da educação, visando à construção de um futuro mais democrático e solidário.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Considerando a natureza do objeto de estudo, foi adotada uma abordagem de pesquisa bibliográfica para a realização deste trabalho. Nesse sentido, os dados e informações foram obtidos por meio da análise de livros e artigos relevantes. Conforme destacado por Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador adquirir conhecimento sobre um assunto já estudado ou que pretende explorar.

Seguindo essa perspectiva, Gil (2002, p. 44) define a pesquisa bibliográfica como aquela que se baseia em material previamente elaborado, principalmente constituído por livros e artigos científicos. Neste estudo, a pesquisa bibliográfica serviu como base para toda a fundamentação teórica, bem como para a análise comparativa entre os conceitos de educação bancária e educação libertadora.

Dessa forma, foram consultadas as principais obras de Paulo Freire, incluindo "Pedagogia do Oprimido", "Pedagogia da Autonomia" e "Educação como Prática da Liberdade". Tais obras foram essenciais para compreender e analisar o pensamento do autor em relação aos conceitos mencionados, destacando sua importância na transição para a autonomia dos sujeitos e na valorização da liberdade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Contextualização Da Pedagogia Do Oprimido Na Educação Brasileira

Para contextualizar a educação brasileira, até a chegada da proposta pedagógica de Paulo Freire, constante no livro “Pedagogia do Oprimido”, publicado, pela primeira vez no Brasil em 1974, buscou-se em textos de outros autores as informações essenciais que permitissem uma visão mais abrangente do que ocorria no país em termos educacionais. Para Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001) o tema começou a aparecer, no Brasil, em textos normativos, mais precisamente na Constituição de 1934, mas veio ter mais preocupação a partir da década de 40, considerando o enorme contingente de crianças, jovens e adultos excluídos da escola.

Nos anos 40 e 50, muitos governos estaduais implantaram ações nesse sentido. Em termos nacionais, em 1942, foi criado o Fundo Nacional de Ensino Primário; em 1947, o Serviço de Educação de Adultos e da Campanha de Educação de Adultos; em 1952, a Campanha de Educação Rural; e, em 1958, a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo. Analisando a Campanha Nacional de Educação de Adultos de 1947, Beisiegel (1997) cita que esta veio para elevar os níveis educacionais no conjunto da sociedade, ao atacar o grave problema do analfabetismo, principalmente de adultos. A partir disso surgiu o ensino supletivo, funcionando até os anos 70, já na Ditadura, quando foi criado o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Em todos esses anos, não se encontram propostas metodológicas, ou qualquer “paradigma pedagógico próprio para essa modalidade de ensino” , salienta Di Pierro (2001, p. 60). No entanto, é exatamente nessa década de 60, que se percebe a existência de movimentos e experiências de educação popular como o Movimento de Educação de Base (MEB), do Movimento de Cultura Popular do Recife, em 1961, os Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes, e muitos outros, na maioria das vezes na clandestinidade.

Foi nessa época que Paulo Freire começou a ser conhecido e muitos desses movimentos começaram a se inspirar no direcionamento, pondo em prática o pensamento

DOI: 10.51189/ensipex2024/37307

ISBN: 9786588884447

Freiriano. Embaladas pela efervescência política e cultural do período, essas experiências evoluíam no sentido da organização de grupos populares articulados a sindicatos e outros movimentos sociais. Professaram a necessidade de realizar uma educação de adultos crítica, voltada à transformação social e não apenas à adaptação da população a processos de modernização conduzidos por forças exógenas. O paradigma pedagógico que então se gestava preconizava com centralidade o diálogo como princípio educativo e a assunção, por parte dos educandos adultos, de seu papel de sujeitos de aprendizagem, de produção de cultura e de transformação do mundo (DI PIERRO, 2001, p. 60).

Sobre essa questão, Weffort (1967, p. 21) manifestou-se no início do livro "Educação como prática da liberdade" de Paulo Freire (1967), falando que o crescimento da "nova burguesia industrial", mas não se impôs autonomamente diante do "capital agrário e bancário", nem "perante o capital estrangeiro". Os movimentos "das classes populares, associada à crise das elites", tentam se organizar e assumir compromisso com as reivindicações das massas, mas o esquema de poder em implantação rechaçou essa possibilidade, não permitindo espaço para se imporem hegemonicamente. "Tiveram que subordinar-se aos grupos burgueses emergentes interessados, em seu próprio proveito, na ampliação da participação política".

A partir dos episódios de 1964, com a implantação da Ditadura, desapareceram os projetos do Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, que havia sido planejado abarcando as orientações de Paulo Freire. A repressão imposta pelo governo militar agiu com violência na desestruturação dos projetos e movimentos populares, levando Paulo Freire para o exílio. Exilado no Chile, Freire continuou a escrever sobre a sua proposta pedagógica de educação de adultos, que constava da utilização de palavras geradoras "que, antes de serem analisadas do ponto de vista gráfico e fonético, serviam para sugerir a reflexão sobre o contexto existencial dos jovens e adultos analfabetos, sobre as causas de seus problemas e as vias para sua superação" (DI PIERRO, JOIA e RIBEIRO (2001, p. 60).

3.2 Educação Na Visão De Paulo Freire

Para compreender o conceito de educação na visão de Paulo Freire, é necessário refletir sobre como ele mesmo direciona no primeiro capítulo da 'Pedagogia do Oprimido', intitulado 'Justificativa da Pedagogia do Oprimido', os pressupostos expressos em determinadas palavras e frases que marcam sua obra, como a desumanização dos oprimidos pelo opressor: '[...] desumanização, que não se verifica apenas naqueles cuja humanidade é roubada, mas também, embora de forma diferente, naqueles que a roubam, é uma distorção da vocação do ser mais' (FREIRE, 1977, p. 30). Ao perceber isso, o oprimido volta-se para a luta entre humanização e desumanização, buscando recuperar sua humanidade (FREIRE, 1977, p. 30).

Com essa compreensão, Freire passa a mostrar o processo de conscientização do professor como agente problematizador das situações reais dos educandos e do compromisso da educação com a busca pela liberdade, relacionando a obra em foco com seus estudos expostos nos seus primeiros escritos publicados, mais precisamente no livro "Educação como prática da liberdade", publicado pela primeira vez em 1967, qual traz em detalhes o método de alfabetização de adultos. A prática da liberdade vem com a conscientização de que a opressão não é isolada, pois é cometida dentro da sociedade, envolve indivíduos e coletividade, por isso, a transformação, para ser objetiva e modificadora das relações de poder ou de mando, ou de explorador X explorados é válida se realizada no meio social, porque "Ninguém liberta ninguém e ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão" (FREIRE, 1977, p. 58). Portanto, ao sair da opressão, não se transformem em opressores devido ao peso dos 'ensinamentos' de seus antigos dominadores. É essencial reconhecer que 'A educação é um ato de amor, portanto, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da

DOI: 10.51189/ensipex2024/37307

ISBN: 9786588884447

realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa' (FREIRE, 1967, p. 104).

Nesse sentido, Freire distingue a educação dominadora, que ele denomina de 'bancária', da educação libertadora, que humaniza, dialoga, conscientiza e fortalece a mudança.

3.3. Educação Bancária

Para Paulo Freire a concepção bancária da educação caracteriza-se pela relação em que há um sujeito narrador – o educador – e vários objetos ouvintes, os educandos. Sob essa visão, os educandos são tratados como recipientes vazios em que o educador deve depositar os conteúdos. Ou ainda a transferência do conteúdo que o professor faz ao aluno passivo e dócil (FREIRE, 1977, p. 37).

Outras características dessa relação são a narração e a sonoridade. A narração consiste em falar de uma realidade que não é real, é tão somente estatística, alheia às experiências humanas é fatalista e impossível de ser transformada. Já a sonoridade é a memorização e a repetição mecânica dos sons por parte dos educandos sem se importar se o conteúdo é o que melhor explica a realidade para que esses possam transformá-la para algo melhor.

Para Paulo Freire, nesse processo não há saber, pois o saber só pode existir na transformação e criação. O que existe é uma apropriação do conteúdo pelo educador, que em sua aula passa aos educandos, gerando a absolutização da ignorância, tratando-se como dono do conhecimento e educando como aquele que nada sabe.

Ao fazer-se opressora, a realidade implica na existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar consciência crítica da opressão na práxis dessa busca. (FREIRE, 1977, p.39).

Ainda segundo o autor, essa rigidez na contradição entre o educador sábio e o educando ignorante nega a educação e o conhecimento como processos de busca, refletindo a sociedade opressora que precisa ser superada para que possa haver a libertação dos homens e mulheres. (FREIRE, 1977, p. 39).

Para concepção bancária da educação, a consciência é como se fosse algum compartimento dentro dos homens, mecanicistamente compartimentada, passivamente aberta ao mundo que a irá enchendo de realidade" (FREIRE, 1977, p. 71). O que esse pensamento dominante da educação tenta é domesticar os oprimidos, através da ação paternalista em que eles são tratados como casos isolados de marginalização de distúrbio de uma sociedade. Assim, a sociedade deve tratá-los a fim de que eles sejam socialmente inseridos. O problema é que eles nunca estiveram desintegrados, pelo contrário, é a miséria deles que ajuda a produzir a opulência dos exploradores e opressores, portanto eles estão dentro da estrutura como seres para o outro (FREIRE, 1977, p. 69).

Essa superação não pode dar-se, porém em termos puramente idealistas. Se se faz indispensável aos oprimidos, lutar por sua libertação, que a realidade concreta de opressão já não seja para eles uma espécie de "mundo fechado", (em que se gera o seu medo da liberdade) do qual não pudesse sair, mas uma situação que apenas os limita e que eles podem transformar é fundamental, então, que, ao reconhecerem o limite que a realidade opressora lhes impõe, tenham, neste reconhecimento, o motor da sua libertação (FREIRE, 1977, p. 36-37).

3.4 Educação Libertadora

Paulo Freire contrasta a concepção bancária da educação com um modelo que busca a libertação humana. Este processo envolve os indivíduos tomando consciência da situação opressiva para então superá-la, através da ação coletiva com outros seres humanos. O objetivo

DOI: 10.51189/ensipex2024/37307

ISBN: 9786588884447

é recriar um mundo cada vez mais humano, permitindo assim que possam ser senhores de seus próprios destinos, escolhendo seus caminhos, e não sendo determinados por seus opressores.

Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um "tratamento" humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, modelos para sua "promoção". Os oprimidos hão de ser o exemplo para si mesmos, na luta por sua redenção (FREIRE, 1977, p. 43).

Freire enfatiza que a Educação Libertadora requer dos educadores e dos educandos uma crença no potencial criativo humano. Sem essa crença, não haveria uma verdadeira comunicação entre eles, apenas transmissão de informações. É na interação autêntica, onde os educadores se envolvem na problematização dos temas junto com os educandos, que o verdadeiro pensar se desenvolve. Esse processo é mediado pela realidade vivida por ambos. Além da crença no potencial, é essencial que haja companheirismo entre o educador e o educando durante o processo educativo. A convivência entre eles é fundamental para identificar os temas que serão trabalhados em conjunto. A Educação Libertadora não pode existir na presença daqueles que exploram outros seres humanos, já que a situação de opressão lhes é vantajosa e eles não desejam mudança. Também não pode haver diálogo sem humildade. No diálogo, o educador-educando deve estar aberto para incorporar novos saberes ao seu conhecimento, nunca sendo autossuficiente.

Outro aspecto do diálogo é a fé nos seres humanos, a crença de que eles têm o poder de criar e recriar o mundo ao seu redor. Essa crença não pode ser ingênua, pois o poder humano de transformação pode ser limitado pela realidade concreta em que estão inseridos.

> O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial" (FREIRE, 1980, p.42).

O trecho acima destaca como Freire enfatiza a importância do diálogo como uma ferramenta para que os oprimidos não apenas compreendam a situação de opressão objetiva, mas também tenham consciência dos diversos níveis de percepção que podem ter sobre ela.

3.5 O sujeito livre e autônomo

Entende-se, que o sujeito livre e autônomo, para Paulo Freire, é aquele que passou por todo o processo de conscientização, descobriu-se criticamente como oprimido e se reconhece, transformado em um sujeito da história, que gera história, que se humaniza. Esse homem passou grande parte de sua vida colaborando com o opressor, através da sua inércia, da sua alienação e, ao se perceber um objeto desumanizado, conseguiu emergir e se libertar. Livre, lutou pela sua autonomia.

Aí, então, compreende-se que o processo de educação libertadora não para, pois é um ato humano, que segue para a compreensão do mundo e nele cuidar da sua existência e seu papel na humanização da sociedade. Freire destaca que a construção da autonomia precisa estar centrada em experiências estimuladoras da decisão é da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade" (FREIRE, 1997, p. 121).

São essas experiências que oportunizam o desenvolvimento da "subjetividade autônoma", indispensável para a interação e a mediação das relações entre liberdade e autoridade fundadas no respeito para com o outro.

Um esforço sempre presente à prática da autoridade coerentemente democrática é o que a torna quase escrava de um sonho fundamental: o de persuadir ou convencer a liberdade de que vá construindo consigo mesma, em si mesma, com materiais que, embora vindo de

DOI: 10.51189/ensipex2024/37307

ISBN: 9786588884447

fora de si, sejam reelaborados por ela, a sua autonomia. É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o espaço antes habitado por sua dependência. Sua autonomia se funda na responsabilidade que vai sendo assumida (FREIRE, 1997, p. 42-43).

4 CONCLUSÃO

Este estudo revela que o ideal de uma educação problematizadora, tão sonhada pelo educador Paulo Freire, ainda não foi plenamente implementado nas escolas e pode estar distante de se tornar realidade. O educador se vê muitas vezes obrigado a seguir os currículos educacionais impostos, enfrentando um dilema entre transmitir seus valores e seguir o roteiro estabelecido. A lei do mais forte ainda parece prevalecer, deixando tanto o educador quanto os educandos oprimidos como vítimas desse sistema.

É notável que o atual sistema educacional perpetua a divisão entre dominantes e dominados, mantendo-se a hierarquia do poder. O professor prepara suas aulas com cuidado, elabora conteúdos relevantes, porém muitas vezes os alunos parecem desconectados, pois o que é ensinado nem sempre reflete a realidade em que vivem.

Para que essa prática educacional se torne efetiva, é fundamental a colaboração, organização e união das classes populares. Assim, o bom senso e o diálogo constante emergem como forças capazes de transformar a realidade de opressão que ainda persiste nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Considerações sobre a política da União para a educação de jovens e adultos analfabetos**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, Jan./Abr. 1999, nº 4, p. 26-34.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando e RIBEIRO, Vera Masagão. **Visões da educação de jovens e adultos no Brasil.** Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55, novembro/2001. In: http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541, acesso em 28/03/2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 4. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GIL, A. C. Como elabora**r projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

WEFFORT, Francisco C. **Educação e Política: Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade**. In: FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

DOI: 10.51189/ensipex2024/37307